



**Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciência da Educação
Faculdade de Educação**

Joseane Franco Teles
Shaira Mana Josy



**PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO HIP HOP DE
BELÉM DO PARÁ: Reflexões de uma mana**



Belém-Pará

Julho-2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSEANE FRANCO TELES

**PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO HIP HOP DE BELÉM DO
PARÁ: Reflexões de uma mana**

BELÉM
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSEANE FRANCO TELES

**PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO HIP HOP DE BELÉM DO
PARÁ: Reflexões de uma mana**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como requisito para obtenção
do grau de Licenciada Plena em Pedagogia,
pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dra. Lúcia Isabel Silva

BELÉM
2019

JOSEANE FRANCO TELES

**PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO HIP HOP DE BELÉM DO
PARÁ: Reflexões de uma mana**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como requisito para
obtenção do grau de Licenciada Plena
em Pedagogia, pela Universidade
Federal do Pará.

Data de aprovação: 04 / 07 / 2019

Banca examinadora:

Profa. Ms. Marina Pereira dos Santos
Universidade do Estado do Maranhão

Profa. Ms. Letícia Carneiro
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho a meus pais
que sempre estiveram presentes...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, Oxalá, Xangô, todos os deuses e deusas que iluminaram meu caminho até aqui para que este trabalho fosse possível.

A meus pais, Jacir e Rosa por todo o apoio que dispensam a mim.

A meu irmão Renato que sofreu com o estresse e a bagunça durante a produção do trabalho e torceu para que tudo corresse bem.

A minha irmã Jacione pelo orgulho que demonstra ter de mim por minha trajetória.

As minhas sobrinhas Kassiane e Thassyane que me tem como referência de luta, coragem e superação.

A minha orientadora Lúcia Isabel da Conceição Silva, que me estendeu a mão num momento em que achei que tudo estava perdido.

Ao professor Genylton Rocha pelo apoio inicial quando ainda nem havia definido o tema do TCC.

A Leila Leite por me incentivar com sua pesquisa sobre as mulheres no Movimento *Hip-Hop*.

Ao coletivo de Mulheres Feminista Marias por fazerem parte da minha história.

A Gisele, Milka, Sara, Ester, e a todas as meninas pela colaboração no Slam Dandaras do Norte tornam possível a sua realização.

A minha querida parceira de luta Ana Lúcia carinhosamente chamada de Dra. Poesia por me fazer acreditar em meu potencial e seguiu junto comigo em muitas das minhas aventuras poéticas.

Ao CEDENPA, Mocambo, Freedas Crew e a todos os movimentos que colaboraram com minha pesquisa e minha militância.

Ao coletivo Utopia Marginalia, Jorgete, Geise, Lucélia, Sabrina, Ivonete, Carol, Naza, Stephane, por todo o apoio para que esse TCC fosse produzido.

Eu sou aquela
Durante anos silenciada
Eu sou aquela
Conselheira de um tal...
Homem na estrada
Eu sou aquela
Que ele nem quis lembrar
Quando até o chão
Eu construí para ele pisar
Em seus livros de honra e glória
Não constam nossas memórias
Apagaram cada linha escrita da nossa história
Mas eu vim foi para avisar
Que o que é meu eu vim buscar
Carrego nas veias o sangue das bruxas
Que o machismo não conseguiu queimar

Shaira Mana Josy

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	9
2-REFLETINDO UMA TRAJETÓRIA.....	10
2.1- A Criação do Slam Dandaras do Norte.....	23
3- O MOMENTO ATUAL DO GRUPO E DA CENA DO HIP-HOP NO ESTADO DO PARÁ.....	27
4-RELAÇÕES DE GÊNERO: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE PAPÉIS E POSIÇÕES DAS MULHERES NO MOVIMENTO HIP-HOP.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa provocar uma reflexão a partir da minha trajetória sobre as dificuldades de permanência das mulheres no Movimento *Hip-Hop* de Belém, desde o final da década de 1990 até a criação do Projeto *Slam Dandaras* do Norte no ano de 2017, dando ênfase ao processo de fortalecimento e garantia do protagonismo feminino.

A escolha do tema surgiu da necessidade de termos nossa história registrada e narrada por nós mesmas, já que dos poucos trabalhos acadêmicos existentes apenas um faz referência a atuação de mulheres no Movimento *Hip-Hop* de Belém em alguns períodos.

A invisibilidade das mulheres no Movimento *Hip-Hop* de Belém foi algo que sempre me incomodou desde que me tornei *Rapper* e militante do movimento no ano de 1998. Das poucas jovens que participavam de algum grupo na época, nenhuma conseguia permanecer no movimento por muito tempo, era difícil entender essa espécie de evasão porque elas não falavam sobre o assunto, surgiam e desapareciam sem que ninguém questionasse ou lamentasse sua saída, sobretudo porque a predominância sempre foi masculina e as “minas” como eram chamadas as mulheres no Movimento *Hip-Hop* pareciam não ter tanta importância, sendo suas produções artísticas depreciadas (FERREIRA, 2019).

Havia entre os homens uma espécie de irmandade, respeito, mesmo que discordassem um do trabalho do outro. O tratamento entre eles deixava muito claro essa questão. Eram os “Manos”, forma de tratamento onde todos são considerados irmãos, denotando assim uma igualdade entre eles. Já as mulheres eram as “Minas” que de acordo com o dicionário informal quer dizer : garota, menina, mulher, diminutivo de “mano”, e essa denominação fazia muita diferença. É como se fosse apenas um complemento e nada mais. Não havia igualdade nesse sentido.

Então, as “minas” não tinham uma identidade, não eram protagonistas das ações que o Movimento *Hip-Hop* proporcionava. Na verdade, até o nome delas era pouco mencionado nas reuniões ou nos eventos, tornando difícil reconhecer a qual grupo pertenciam e o que representavam. Existia apenas a “mina” do mano, a “Mina” que canta com o “Mano”, a “Mina” que veio com o “Mano” e por aí vai (FERREIRA, 2019).

Para contrapor essa condição da “mina” e reafirmar meu papel de integrante e protagonista dentro do Movimento *Hip-Hop* passei a usar o nome artístico “Mana”, que teria o mesmo peso que “Mano” e também significaria igualdade.

A tese de Leila Cristina Leite Ferreira, (FERREIRA, 2019) que foi defendida no ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, suscita esse debate tomando como ponto de partida a discussão que eu já vinha trazendo para o Movimento *Hip-Hop*, mostrando que a partir dessa militância a postura dos “Manos” dentro do movimento em relação às “Manas” vem sendo questionada e tornando possível a conquista do lugar de fala das mulheres, em especial as negras no Movimento *Hip-Hop* de Belém (RIBEIRO, 2017).

Durante duas décadas tentei organizar ações que pudessem encorajar as mulheres a continuarem fazendo o que gostavam dentro do Movimento *Hip-Hop*, entretanto, parecia uma missão quase impossível, pois elas não encontravam forças para continuar. Além da invisibilidade havia outros problemas a serem enfrentados: assédio por parte dos homens, preconceito da família, a dificuldade de adquirir materiais, domínio de tecnologias para produção audiovisual, e a inferiorização ou não valorização dos trabalhos apresentados.

1. REFLETINDO UMA TRAJETÓRIA

A história do surgimento do Movimento *Hip-Hop* tem origem nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de Nova Iorque nos bairros periféricos ou guetos americanos, tendo como atores principais os jovens negros e latinos na década de 1970. Nesse período, o alarmante crescimento do índice da criminalidade envolvendo tais jovens chamava atenção. Eram constantes as brigas de gangues por conquistas de território. Muitos desses jovens foram mortos brutalmente durante os confrontos. A exclusão social também era um fator que contribuía para que esse tipo de violência se propagasse (FERREIRA, 2019; LEAL, 2007).

Para combater a prática acima referida era necessário desenvolver um mecanismo que fosse atrativo e que dialogasse com a juventude à sua maneira, criando outras perspectivas e diminuindo a busca por poder através das disputas ideológicas de território.

Foi nesse contexto que o Dj Afrika Bambaata cria o Movimento *Hip-Hop*, a partir da percepção da expressão de cada elemento antes desenvolvido isoladamente. Esses “Elementos”, ou partes integrantes do todo que compõe o que conhecemos até

hoje como Movimento *Hip-Hop* propriamente dito, envolve expressões que vão desde a corporal através da dança, passando pela arte gráfica, musical e desenvolvimento intelectual criativo que compõe tanto a produção do ritmo característico do movimento quanto na letra de cada música. Esses elementos são fundamentais para entendermos a importância do Movimento Hip Hop e o poder transformador que ele exerce sobre seus praticantes ou adeptos. São eles: *Dj*, *Grafite*, *Breaking*, *Rap*. Cada elemento desempenha uma função ou uma forma de expressão dentro do Movimento *Hip-Hop*, o *Dj* (*disk jockey*) e a *Djeia* (forma que as mulheres utilizam para enfatizar de que se trata de um gênero específico), são responsáveis pela criação das batidas ou *beats* próprios do estilo.

O Grafite é a arte gráfica que ilustra os muros das cidades e seus praticantes são chamados de grafiteiros e grafiteiras, geralmente se organizam em *crews*¹. *Breaking* é a expressão através da dança, desenvolvido por *B.Boys* e *B.Girls*, *Rap* (*Rhythm and Poetry*), ritmo e poesia, é a música desenvolvida exclusivamente e que caracteriza o Movimento Hip-Hop, cantada pelo *Mc* (mestre de cerimônia) e pela *Mc*.(FERREIRA, 2019). Toda essa movimentação se deu em um período em que a população negra e latina lutava pelos direitos civis, na busca por igualdade e de reconhecimento enquanto cidadãos americanos. Para além da música, dança, grafite, o Movimento *Hip-Hop* representou um momento de profunda reflexão nos jovens negros e latinos fazendo com que a arte fosse transformada em mecanismo de resistência e passando a questionar a condição de exclusão social (FERREIRA, 2019).

No Brasil o Movimento *Hip-Hop* começa a ser desenvolvido no início da década de 1980, no centro de São Paulo. A dança foi o elemento principal para este começo na rua 24 de Maio, local que se tornou o ponto de encontro de jovens das mais diversas periferias. Aquela movimentação toda trazia um certo incômodo aos comerciantes da área e a polícia foi chamada para reprimir a ação. A partir daí, foi necessário ir em busca de outro espaço para desenvolver a atividade e foi na Estação do Metrô São Bento que o movimento se fortaleceu e de lá ganhou forças se propagando para o resto do Brasil. Nesse período os registros que encontramos na *internet*, livros destacam figuras importantes desse início como: Nelson Triunfo, Thaide e Dj Hum, e os grupos ou Crews: Jabaquara Breakeres , Nação Zumbi, Street Warrior's, Crazy Crew e outros. (LEAL, 2007).

¹ *Crews* são grupos de grafiteiros e grafiteiras

Em Belém, os elementos do Movimento *Hip Hop* chegam separados no final da década de 1980 os primeiros são o *breaking* e o grafite. Nesse período era comum observarmos em frente ao Mercado de São Brás (Antigo Mercado no Centro da Cidade), jovens dançando e criando suas coreografias em cima de batidas que não eram ainda as produzidas para o estilo, ou seja, o *rap* ainda não dialogava com este elemento. Somente no final da década de 1990 é que o Movimento *Hip-Hop* vai se organizar a partir de uma ação do grupo de *Rap* Manos da Baixada de Grosso Calibre (MBGC) que convocou os integrantes dos diversos elementos e de outros movimentos para uma reunião que ocorreu no Centro Comunitário Bom Jesus no bairro da Terra Firme localizado na periferia de Belém (FERREIRA,2019).

Nesta época não havia muitas informações de como esse movimento era grande no sentido de dar aos seus seguidores a oportunidade de se expressar livremente, muito menos da força e importância que tinha no processo de busca por uma sociedade mais justa e democrática. No final da década de 1990, mais precisamente no ano de 1998, comecei a ter contato com o movimento *hip-hop*, especificamente com o elemento *Rap*.

A música do grupo Racionais Mc's chegava até nós como um hino, com suas letras revelando situações vivenciadas por parte da população marginalizada que clamava por justiça e lutava contra as desigualdades sociais, além de evidenciar as práticas racistas da Polícia no estado de São Paulo. Embora para nós aqui, na cidade de Belém do Pará, a realidade fosse um pouco diferente daquela das favelas de São Paulo, boa parte do que era cantado pelo grupo Racionais Mc's despertava uma certa identificação, principalmente no que diz respeito à situação socioeconômica, passando a ser referência, tanto na qualidade das produções quanto no conteúdo. Assim como a maioria dos jovens que iniciaram o Movimento em Belém.

Conheci o Movimento *Hip-Hop* por meio de uma pessoa que teve seu primeiro contato com o *Rap*, depois de ganhar de presente uma fita k-7 apreendida pela Polícia Civil. Esta fita continha músicas do grupo Racionais M'cs, Thayde e Dj Hum, este último pioneiro no cenário nacional. Infelizmente o *hip-hop* que me fora apresentado nesse primeiro momento nada tinha a ver com questões políticas ou defesa da democracia.

Durante os encontros com a “rapaziada” que curtia *rap* no bairro do Jurunas, onde morávamos, funcionava assim: se reuniam aos finais de semana meu ex-companheiro e mais um grupo de rapazes em uma vila chamada “Vila Almeida”. Lá

os rapazes instalavam uma caixa de som para ouvir as músicas do universo do *rap* e se encharcavam de bebida. Isso era *hip-hop*. Diante dessa situação me sentia um pouco confusa pois não conseguia ver nessas ações algo que pudesse promover uma transformação na nossa realidade ali dentro da periferia.

O acervo de CD's com músicas rap de vários grupos de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, foi crescendo. Dessa vez a aquisição desses materiais era feita através de encomenda em uma barraca de camelô que vendia vinil, CD, fitas k-7 cujo proprietário era um rapaz que trabalhava na área comercial da Praça das Mercês no mercado do Ver-o-Peso, ou comprava em catálogos de lojas com franquias em outros estados e eram entregues pelos correios. De posse desses materiais, passei a apresentar nos anos de 2000 a 2001, junto com o ex-companheiro, um programa chamado “Identidade Humana”, em uma rádio comunitária, a Rádio Metropolitana FM, no bairro do Bengui². Era um programa destinado ao público jovem que se identificava com o gênero musical *Rap*.

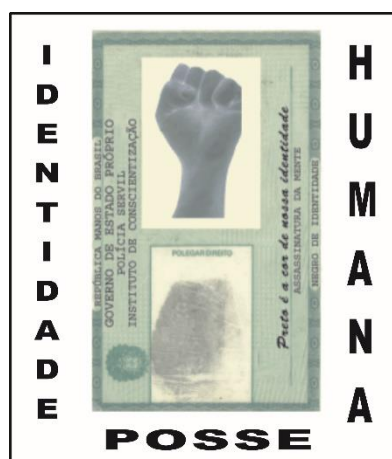
Como não tínhamos muitos recursos para custear as despesas do programa e o transporte para nos deslocarmos até o bairro, que era um pouco distante, ficava complicado continuar, porém, o principal motivo que fez com que o programa chegasse ao fim, foram as perseguições sofridas pela rádio comunitária após ter seu transmissor e demais equipamentos apreendidos pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações).

No ano de 2002, já na rádio comunitária “Nação Jurunense”, nome este usado como referência ao local onde estava situada, ou seja, no bairro do Jurunas, o programa Identidade Humana volta a ser transmitido.

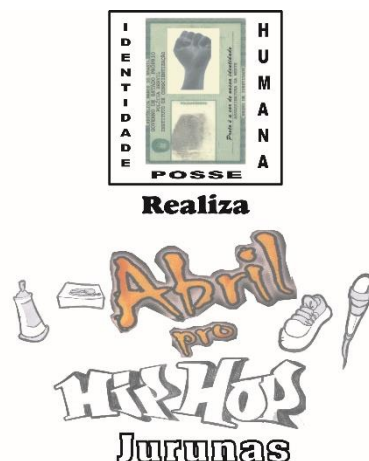
A transmissão era aos sábados à tarde e além de tocar músicas *rap* também falávamos de política, saúde e educação. O telefone da rádio não parava de tocar, com os ouvintes, em sua maioria do sexo masculino, pedindo e dedicando músicas aos amigos. A partir desse programa percebemos a necessidade de conhecer esses ouvintes, pessoas que faziam parte do Movimento *Hip-Hop* de Belém, mas que não apareciam em eventos. Algo curioso nesse período em que o programa esteve no ar, era o fato desses jovens, não contentes em apenas ouvir pelo rádio o programa Identidade Humana, passaram a ir até o local onde a rádio estava situada, sentavam nas calçadas e ficavam curtindo os sons.

² Bairro localizado na periferia de Belém.

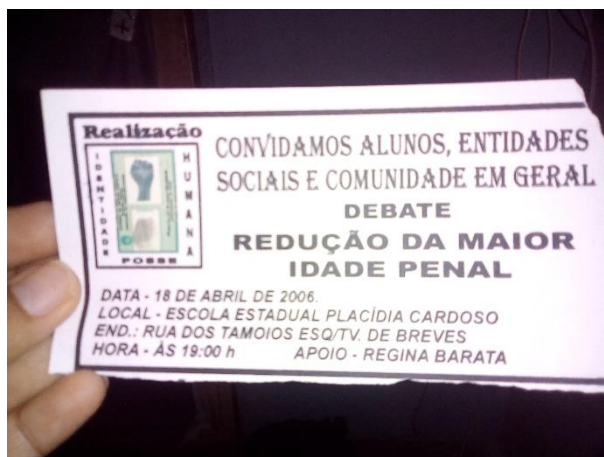
Um ano depois, o programa de rádio acabou devido à falta de tempo e apoio cultural para manter as despesas, porém o que antes era apenas um programa acabou se tornando uma organização do Movimento *Hip-Hop* agora chamada de “Identidade Humana Posse”, cujo objetivo era criar um espaço para que os grupos de *rap* de Belém do Pará pudessem divulgar seus trabalhos, já que havia uma espécie de monopólio nos eventos culturais promovidos pela Secretaria de Cultura do Município de Belém. Quer dizer, aqueles que não tinham relação próxima aos organizadores desses eventos, dificilmente ou quase nunca eram convidados a participar. A imagem abaixo representa a logo do coletivo.



No ano de 2005 foi realizado o primeiro evento organizado pelo Coletivo Identidade Humana Posse. O evento foi batizado de “Abril Pro Hip Hop Jurunas”, nome escolhido como alusão ao mês de realização do evento, mas também era uma conotação referente à abertura de espaço para os integrantes do movimento *hip-hop* sediado no bairro do Jurunas. A partir do ano de 2005 o coletivo passou a realizar anualmente o evento que permaneceu até minha saída do coletivo e final do relacionamento no ano de 2010. A imagem abaixo reproduz o cartaz de divulgação, construído de forma bem simples com as ferramentas tecnológicas disponíveis na época. Cada edição trazia um cartaz diferente com as informações de grupos participantes do evento.



As edições realizadas do “Abril Pró Hip Hop Jurunas”, desde sua criação, somaram um total de seis. Sem contar as atividades em escolas com objetivo político e cultural, como a realizada na quinta edição no ano de 2009, período em que se começava a discutir o projeto de lei do Governo Federal sobre redução da maioria penal no Brasil. A imagem abaixo traz as informações do tema escolhido para ser discutido na escola do bairro do Jurunas. Trata-se de um convite distribuído para a comunidade escolar.



Dentro da organização “Identidade Humana” eu era a única mulher. Nas reuniões que antecederam o evento era relevante minha atuação, que ia desde o planejamento até a execução das ações mais específicas como recepção dos convidados, coordenação do bar, organização do cronograma de apresentação dos *Mc's*, prestação de contas com o espaço que era alugado e a finalização do evento. Entretanto, mesmo com todas essas atividades, nunca tive reconhecimento dos membros do coletivo. O mérito sempre era todo do ex-companheiro, que muitas das

vezes acabava se excedendo em bebidas alcoólicas no início do evento e deixando toda responsabilidade comigo.

Eli Bartra (2014), Cristina Garcia (2014), discutem a participação e o protagonismo das mulheres na produção artística que é visibilizado por não conseguir alcançar a mesma projeção que os homens por não ter apoio pessoal e financeiro para prosseguir com sua arte. Garcia (2014) aborda sobre a colonização do olhar sobre a arte que impede que as mulheres, os indígenas e os negros não sejam percebidos como artistas e sua produção não seja considerada arte. Esse é o mesmo processo que ocorre com as “Manas” dentro do Movimento *Hip-Hop* onde estão constantemente tendo que provar seu valor enquanto artistas (FERREIRA, 2019).

Eu não conseguia entender minha situação dentro da organização e nem mesmo identificar o tipo de relação que era mantida com o ex-companheiro. Apenas muito tempo depois é que passei a entender isso tudo. Essa compreensão começa quando me integrei ao movimento negro e passei a discutir a pauta de violência de gênero, relacionamento abusivo e a atuação dos homens em espaços de poder. (GONZALÉZ, S/D; CARNEIRO, 2013)

De fato, eu sofria várias violências, principalmente psicológica, e por esse motivo não tinha forças para me libertar dessa situação. O Coletivo Identidade Humana Posse era composto majoritariamente por homens e o *hip-hop* praticado por eles não contemplava a discussão dos papéis sociais e nem das desigualdades entre os gêneros. O episódio mais marcante foi quando tivemos que levar os artistas integrantes do coletivo Nação de Resistência Periférica (NRP) em uma Kombi alugada até seus respectivos bairros, e ao deixar de abastecer o veículo por pura negligência e inconsciência provocada pelo estado de embriaguez do ex-companheiro, ficamos sem gasolina, parados no veículo com equipamentos dos Djs em uma rua bastante inóspita, expostos ao perigo na madrugada em um bairro periférico de Belém.

O “Abril Pró Hip Hop Jurunas” era um evento que contemplava não só os jovens artistas do bairro do Jurunas, mas também de outros bairros periféricos. Para garantir a participação destes no evento, era necessário alugar um veículo de porte médio para trazê-los até o local do evento e levá-los ao término para seus respectivos bairros ou pontos mais próximos deles. Na edição de número dois no ano de 2006, havíamos alugado uma Kombi para fazer o traslado dos grupos e Djs. No decorrer do evento, por negligência do ex-companheiro, que se excedeu no consumo de bebida alcoólica, fiquei responsável pela finalização da atividade. Quando o evento terminou

fui verificar o transporte para levar os grupos e o condutor informou que havia pouca gasolina para fazer a viagem. Nesse momento comuniquei que precisaríamos abastecer o veículo para finalizar do trajeto, porém, por seu estado de embriaguez, ignorou a situação e insistiu que não haveria problemas.

Assim, iniciamos a viagem até os respectivos destinos. Ao atravessarmos o bairro da Pedreira, em uma rua um tanto inóspita, mais ou menos às 4h da manhã, o combustível do veículo acabou. Os Djs com seus equipamentos e alguns integrantes de grupos, nesse momento, ficaram receosos, pois o local era perigoso, conhecido pelos inúmeros casos de assaltos ocorridos nessa área. A vergonha era crescente, pois era uma situação que só aconteceu, porque minha advertência foi ignorada. Foi proposta, em meio a piadinhas do ex-companheiro, uma coleta para comprar combustível. O pior de tudo era que não havia posto de gasolina perto do local, o que aumentava mais o risco de sermos assaltados naquele momento.

Nesse instante, já completamente envergonhada, me dirigi ao verdadeiro culpado lembrando-o que a culpa daquele transtorno todo era dele. Foi quando ele, ao sair da Kombi, falou palavras desrespeitosas e depreciativas sobre mim. A humilhação foi enorme, já que estava na frente das pessoas. A vontade era de sumir. Como não sabia o que fazer e o que dizer naquele momento, só me restou baixar a cabeça e chorar.

Alguns que estavam no veículo chamaram a atenção dele e exigindo que se retratasse, o que não aconteceu. Depois desse episódio, fomos convidados a participar de uma reunião da NRP para que meu ex-companheiro apresentasse uma explicação sobre o ocorrido. Na reunião, os integrantes do coletivo questionaram a conduta do ex e exigiram uma retratação sobre a atitude que presenciaram naquela noite. Cada membro presente na reunião fez sua fala tornando explícito que o Movimento *Hip-Hop* do qual faziam parte não compartilhava de pensamento e atos depreciativos direcionados a qualquer pessoa seja ela homem ou mulher.

Foi durante essa reunião que pude perceber que o movimento *Hip-Hop* de Belém existia para além do entretenimento, dos bailes de *rap*, agora poderia ter contato com pessoas que faziam debate sobre questões como a violência contra mulheres, racismo entre outros temas. O caso foi tratado por meu ex-companheiro como sendo assunto de cunho pessoal, mesmo sendo advertido e sua atitude repudiada pelos membros da NRP por sua prática machista. A partir desse episódio passei a participar mais vezes das reuniões que aconteciam numa escola no bairro de São Brás, e muitos eram os assuntos tratados nas reuniões. Foram esses encontros que me ajudaram a

começar a ver o *hip-hop* como de fato fora forjado, como uma ferramenta de luta capaz de transformar nossas realidades. Sempre que ia às reuniões, observava que havia mulheres participando, porém, apenas uma conseguia falar mais amplamente. As demais pareciam meras expectadoras e eu, como sempre, também me posicionava, pois tinha demandas do meu coletivo para comunicar.

A NRP foi um coletivo que realizava muitos bailes de *hip-hop* e encontros como, por exemplo, O 4º Festival de Hip-Hop Norte-Nordeste³, que ocorreu no ano de 2005 em Belém, para o qual fui convidada a participar. Entretanto, quando aconteciam as apresentações de grupos locais, as mulheres eram colocadas como meras coadjuvantes, seja fazendo a segunda voz, ou nos bastidores, executando tarefas domésticas, enquanto os homens eram aplaudidos nos shows. O único grupo formado só por mulheres que se apresentou no evento Norte-Nordeste foi o Mulheres Guerreiras de Cristo (MGC), um grupo de rap gospel cujas letras traduziam as doutrinas aprendidas nas igrejas evangélicas que condenavam certos comportamentos femininos, tomando como base os ensinamentos bíblicos. Isso também foi muito impactante para mim num primeiro momento.

Quando as vi pela primeira vez, senti uma alegria imensa em saber que eu não estava só no meio daquele universo masculino, que eu iria ouvir mulheres falando do ser feminino, mas quando ouvi a letra do *rap*, composto pelo grupo, fiquei triste e ao mesmo tempo preocupada. Eu estava ali no meio do show usando minhas roupas costumeiras, blusa curta, minissaia e de repente ouço a seguinte frase na música: “Mulher de blusinha e saia curta, estilo prostituta”. Nossa! Foi um grande mal-estar, que ao voltar para casa decidi escrever algo que viesse contrapor essa ideia conservadora e, ao mesmo tempo, que pudesse fortalecer a causa feminina em sua diversidade, inclusive religiosa. Foi nesse momento que compus uma letra de rap chamada “Atitude mulher”. Mostrei a letra para o ex-companheiro, que mal leu o que eu havia escrito. Seu olhar dizia tudo, como se aquele trabalho não tivesse a mínima importância. Não conformada, mostrei a um dos integrantes do coletivo que ao ler disse apenas que a letra era “bonitinha”.

Diante das reações, senti vontade de desistir, achava que realmente não tinha importância, que aquilo era coisa só de homens mesmo, eu via os rapazes cantando

³ 4º Festival de Hip-Hop Norte Nordeste, informações disponíveis no site <https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2005/09/14/cla-nordestino-e-o-hip-hop-maranhense-na-europa.shtml>. Acesso em :02 de maio de 2019.

rap e sentia necessidade de também falar da minha realidade e da ausência das mulheres no palco, palco este que eu ajudava a construir, mas que não tinha lugar para mim. Ferreira (2019) afirma, em sua tese de doutorado, que esse é o tipo de reação muito comum também nos demais elementos do Movimento *Hip-Hop*, como, por exemplo, no grafite, quando a autora cita o exemplo da grafiteira Cely que em seu relato conta que quando está grafitando nas ruas é muito comum alguém perguntar qual foi o grafiteiro que a ensinou, não levando em conta a trajetória e a capacidade da própria grafiteira. A seguir, a letra de *rap* criada por mim:

Atitude

Vem rimar, vem cantar
Mostra o que pensa
Mulher tenha atitude dê a sua sentença

Mostra tua cara tua conquista
É falsa liberdade só exposta nas revistas
Viver do teu trabalho é bem melhor do que de brisa
Mostra teu conceito se não logo te escraviza

Se sabe manda a rima se não sabe improvisa
Eu sou do movimento tenho muito pra lutar
Prazer sou Mana Josy hip-hop do Pará
Buscando igualdade humanidade mostre a sua

Sociedade, malandragem só dá preço só rotula
A vida me ensina peço paz peço respeito
Se faço a coisa certa é pra valer o meu direito
O corpo é escultura tem beleza sim mulher
Não troque não se venda valorize tenha fé

Na vida ,na corrida, na quebrada noite e dia
Não chore nem lamente como avó e a sua tia
O momento é agora vai e busca a liberdade
Mulher sem preconceito em cada canto da cidade

Vem rimar, vem cantar
Mostra o que pensa
Mulher tenha atitude dê a sua sentença

Dê a sentença sua opinião
Buscando igualdade o discurso é união
Represente a quebrada da forma que puder
Mostre sua cara, força, garra

Mulher!

Se dê a liberdade, direito de expressão
Viver democracia é respeito opinião
Se todos têm ideia que se deixe expandir
Chega de opressão deixe as pretas livres aí

Mulher roupa comprida em Belém calor e tédio

A burca cobre tudo só no Oriente Médio
 Eu ando pela rua alguém me embaça e me insulta
 Se eu uso minissaia eu não sou a prostituta

Viver o hip hop é lutar pela quebrada
 Se as damas tão na noite têm que ser conscientizadas
 Valor eu sei que tenho atitude sou dotada
 Sempre acho uma saída rumo certo nessa estrada

Eu sou feminista e ativista
 Defendo meu conceito meu ponto de vista
 Eu não desisto mesmo que haja pedras
 Eu insisto, persisto, até a liberdade
 Vou de cabeça erguida sem perder a amizade
 Mulher que tem conceito não aceita ser usada
 Não vamos dar aos filhos pais que não servem pra nada

Não fale não repare ou me compare com ninguém
 Irmão eu sou parceira amizade é uma em cem
 Palavra é de ordem sigo certo e sem vacilo
 Não pago de comédia, ponho a rédea é meu estilo

Vem rimar, vem cantar
 Mostra o que pensa
 Mulher tenha atitude dê a sua sentença

A imagem abaixo foi feita em 2017 e mostra o momento da apresentação da letra “Atitude” cantada no estilo *rap*, no espaço do Movimento Negro chamado de Quilombo República, que fica localizado na Praça da República no centro de Belém.



Segui em frente. Em abril de 2006 criei coragem e pedi para cantar meu rap no Abril Pró Hip-Hop Jurunas Ano III. Foi a pior noite da minha vida. Depois de todas as atrações terem se apresentado, lá pelas 5 horas da manhã, fui colocada para cantar. Naquele momento, já não havia ninguém no evento e eu me recusei a apresentar o

trabalho para uma plateia esvaziada. E, assim, mais uma vez, meu trabalho enquanto artista e mulher negra do Movimento Hip-Hop foi banalizado e visto como uma arte de menor importância (BARTRA, 2014; GARCIA, 2014).

Mesmo com todas as dificuldades, procurava me manter firme ali no meio. Foi quando em uma reunião criada para mapear as mulheres do *hip-hop* de Belém no bairro do Guamá, conheci duas manas: Cláudia conhecida como Mina Cyber e Hellen, a Negra Hellen. Negra Hellen era frequentadora do Abril Pró Hip-Hop Jurunas, mas nunca tivemos oportunidade de conversar. Lembro que na época, 2005, na primeira edição, ela já cantava e se apresentava no evento acompanhada de seus pais por ainda ser de menor idade. Já Cláudia, conheci no mesmo dia da reunião com as Manas no bairro do Guamá. Junto com elas nasceu a necessidade de ter um grupo de *rap* feminino diferente das MGC e que contemplasse a luta das mulheres por meio de letras autorais, estilo *rap*. Foi aí que em 15 de novembro de 2006 criei o grupo “Conexão Feminina”.

A partir dessa união de forças foi possível participar de eventos como o próprio Abril Pró Hip-Hop Jurunas e mostrar a todos que nós éramos capazes de produzir trabalhos com a mesma qualidade que os homens e que atendessem nossas demandas dentro do movimento. Em 2009, fomos reconhecidas como único grupo de *Rap* feminino de Belém e convidadas a participar do I *Hip-Hop* Mulher, encontro criado por mulheres integrantes do Movimento *Hip-Hop* de São Paulo e que contemplava todos os estados do Brasil. Necessidades muitas vezes ironizadas pelos homens.

Como já era esperado, o grupo “Conexão Feminina” foi aos poucos perdendo as forças. Mina Cyber casou-se e seu companheiro não aceitava mais que ela participasse do grupo; Negra Hellem, em seguida também constituiu família e não pode mais continuar no grupo. Apesar das dificuldades da falta de apoio da família, namorado etc., continuei firme o trabalho, sozinha. Ainda no ano de 2009 fui escolhida para coordenar a “Cidade do *Hip-Hop*”, um espaço de articulação específico para o movimento no acampamento intercontinental da juventude (AIJ) no Fórum Social Mundial (FSM-2009). Mesmo tendo participado desse momento de extrema importância em nosso estado o protagonismo ficou para os homens que aproveitaram a estrutura disponibilizada para se fortalecerem e, mais uma vez, as mulheres foram invisibilizadas.

No ano de 2010 criei um coletivo de mulheres chamado “Companhia H2F”, cujo significado é Companhia do *Hip-Hop* Feminino. O grupo foi mais uma tentativa de reunir as mulheres dos diversos segmentos culturais além do *hip-hop*, para juntas realizarmos um evento de visibilidade dos trabalhos femininos. Esta iniciativa, infelizmente, não deu certo. Mesmo depois de dois anos da criação do coletivo não conseguimos sequer promover um encontro com a presença de todas. Os motivos eram sempre os mesmos, as mulheres não conseguiam acompanhar as reuniões, pois os afazeres domésticos, a cobrança de seus companheiros ou ainda a responsabilidade na criação dos filhos consumia a maior parte do tempo e, quando sobrava um tempinho, faltava dinheiro para o transporte.

O Movimento *Hip-Hop* em Belém foi crescendo, a procura por iniciativas de caráter cultural começa a ser considerável. Essa procura se deu pela facilidade que o movimento tem de dialogar com a juventude por meio da música, dança, grafite e dos *beats* criados pelos Djs. Contudo, para as mulheres, essa valorização do Movimento *Hip-Hop* não mudou sua realidade, as poucas que surgiram no decorrer do tempo não se destacavam a ponto de serem chamadas para se apresentarem nos eventos, e a ausência da figura feminina começou a despertar curiosidade entre as pessoas que promoviam esses eventos culturais.

As “Batalhas de Mc’s” começaram a se expandir por Belém. No ano de 2011 criei um coletivo chamado de “Senzala Urbana” formado por quatro homens e uma mulher. Nesse mesmo ano o projeto “Rima DiRua” ganha forças com a proposta de realização de batalhas de rimas e apresentação de diversos grupos de *rap*. Tanto o Senzala Urbana quanto o Rima DiRua eram coordenados por mim em parceria com um rapaz com quem, na época, eu mantinha um relacionamento afetivo. O público dos eventos era bem diversificado, mas a participação era majoritariamente masculina durante as batalhas. Nesse período o grupo Conexão Feminina já estava na terceira formação. As integrantes eram Adrianne Gabrielly (Dri Mc) e eu, as únicas mulheres que se apresentavam no Rima DiRua. As demais eram apenas expectadoras, algumas conhecidas no meio da “galera”, mas que não conseguiam coragem para expor seus trabalhos e, mesmo que desejassem, o espaço não oferecia condições para que essas “Minas” se sentissem representadas, pois as próprias batalhas de Mc’s tinham um conteúdo machista e LGBTQI+ fóbico.

Quando questionei esse formato acabei sendo hostilizada pela maioria que praticava e concordava com esse tipo de reprodução de violência tratada como

normalidade. A única mulher a enfrentar os homens nas batalhas de rima improvisada era Talita Brooklin. Lembro de um episódio em que Talita participou de uma batalha de M'cs e passou por uma situação constrangedora, pois a rima do oponente fazia referência à questão sexual e objetificação da mulher posteriormente. Esse caso repercutiu nas redes sociais e os comentários da maioria dos homens tinham tom de deboche, outros apoiando a prática e justificando o fato de que Talita tentou dentro do improvisado se defender, o que não anula o acontecido.

No ano de 2013 passei no vestibular e surgiram dificuldades para continuar com o projeto Rima Dirua. Nesse mesmo ano ganhei um livro de presente chamado “Perifeminas” (RABETTI, 2013), fruto do trabalho minucioso das pioneiras no Movimento *Hip-Hop* de São Paulo que diante de suas realidades resolveram fazer o mapeamento em algumas regiões do Brasil com o objetivo de dar voz as mulheres silenciadas através de seus relatos diretos ou utilizando a poesia. Nesse livro passei a conhecer história das mulheres no *hip-hop* nacional, histórias de superação como as da Rapper Sheryline (RABETTI, p.7, 2013) a primeira a ter suas músicas gravadas em vinil, Lady Rap uma das responsáveis pela criação do coletivo “Minas da Rima” no ano 2000, segundo relato foi o primeiro coletivo de mulheres nesse período em São Paulo, Vera Verônica em Brasília (RABETTI, 2013). De posse dessas informações percebi o quanto nossas histórias são parecidas dentro do Movimento, para quem decide ser Rapper as dificuldades surgem desde a aceitação de nossas ideias transcritas nas letras ao preconceito por parte dos homens.

“Mulher cantar rap passou a ser afronta para a sociedade machista. A mulher precisava se impor e mostrar que seu trabalho tinha valor. A aceitação passou a se tornar algo difícil, num mercado onde os homens dominavam”. (RABETTI, p.8, 2013). Esse era só o porvir dos problemas que iriam surgir se levarmos em consideração que essa afirmativa se refere à década de 80.

Já no início dos anos 90, com a necessidade de profissionalização, a disputa entre espaço começou a se consolidar, pois a dificuldade para gravar disco, e principalmente serem recebidas pelas gravadoras, que tivessem interesse em trabalhar com mulheres era cada vez mais difícil, salvo se fosse para produzirem músicas com conteúdos amenos, sem protesto. As mulheres também enfrentavam outros problemas além da dificuldade de subir nos palcos, como a maternidade. Que por conta disto, muitas precisando prover o sustento da família, acabavam fazendo do rap uma paixão, já que a música não provinha rendimentos financeiros compatíveis com suas necessidades. (RABETTI ,p.8, 2013).

Diante dessas informações me sentia por vezes receosa desmotivada em saber que se para essas mulheres estando no centro de onde o *hip-hop* iniciou, ainda sofrerem com essas dificuldades, enquanto para nós aqui na Região Norte sequer conseguíamos espaço para mostrar nossas letras.

Tive que optar por permanecer com a militância e participando de eventos realizados pelos movimentos sociais que sempre valorizaram meus trabalhos. Sem muitas iniciativas que tivessem um recorte de gênero no Movimento *Hip-Hop* de Belém no período de 2013 a 2016, pouco se ouvia falar nas mulheres dentro dos eventos, mas foi no início de 2017 que um projeto criado exclusivamente por mulheres e para mulheres conseguiu mudar essa configuração. Era o pontapé inicial para que as “Minas” passassem a protagonizar suas ações e se empoderar inclusive questionando o monopólio criado nos espaços culturais e no próprio Movimento Hip-Hop. Surge o “Slam Dandaras do Norte”.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017), o empoderamento feminino para o movimento negro é uma ação que só pode ser realizada coletivamente e de diversas formas, cada pessoa em seu grupo social.

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade da qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (Ribeiro, 2018 p.135-136).

2.1-A CRIAÇÃO DO SLAM DANDARAS DO NORTE



NOTA OFICIAL



MACHISTAS NÃO PASSARÃO

Foram muitas tentativas para encorajar as mulheres dentro do Movimento *Hip-Hop* de Belém a continuarem resistindo e acreditando na qualidade e importância de suas produções artísticas. Fossem elas na música (*Rap*), nas artes gráficas (grafite), na dança (*breaking*) ou nos tocas discos (*Dj*). Este último elemento quase inexistente na figura feminina, pois demanda além de tempo e habilidade, a aquisição de equipamentos com custo muito alto bem distante da realidade destas.

Com o surgimento da internet foi possível ter acesso aos trabalhos femininos produzidos na região Sudeste, o berço da cultura hip hop no Brasil, servindo de referência pelo menos para nós, mulheres aqui no Norte. Antes da chegada mais ampla da tecnologia alguns álbuns masculinos traziam uma ou outra voz feminina com participação especial ou dividindo as faixas com eles como no caso, a cantora Camila CDD, Negra LI, Cris do grupo do SNJ. Posteriormente a força feminina mais contundente começou a chegar nas vozes das cantoras: Dina Dee, Nega Gizza, isso na década de 2000. (RABETTI, p.8, 2013).

Com todas as dificuldades existentes para essas mulheres precursoras do *hip-hop* de São Paulo, ainda era um pouco mais fácil conseguirem divulgar seus trabalhos.

Já que era lá mesmo que se produzia e mais pessoas se agregavam para fortalecer, cada uma em sua categoria. Porém, para nós aqui no Norte sempre foi tudo mais difícil, desde o acesso aos materiais, até as oportunidades de poder mostrar um pouco do que timidamente produzíamos.

Mas, no ano de 2017, surgiu um projeto que mudou completamente a realidade dessas mulheres nortistas invisibilizadas como eu, o Slam Dandaras do Norte. A primeira imagem acima foi produzida para divulgação da Primeira edição do Slam Dandaras do Norte e circulou nas redes sociais. A segunda imagem representa o repúdio do projeto frente as ações machistas, assim como a primeira imagem foi compartilhada nas redes sociais de diversos coletivos feministas.

Slam, ou melhor dizendo *poetry slam* é definido como: uma competição de poesia falada, um espaço livre de expressão poética, tem origem nos Estados Unidos no ano de 1986 em um bar situado na vizinhança de classe trabalhadora no Norte de Chicago. (D'ALVA, 2014, p.109).

O Slam Dandaras do Norte, projeto feito por mulheres e para mulheres, consiste no incentivo à produção e competição de poesia. Estreou em 2 de abril de 2017. O foco principal era garantir o protagonismo feminino nos espaços culturais de Belém. A ideia inicial era realizar um encontro com as *rappers* do Norte. Sempre lutei para conseguir realizar esse encontro, porém era muito difícil. Primeiro porque não havia patrocinadores interessados em investir nessa atividade e por não conseguirmos nos comunicar com os demais estados que compunham a Região Norte do Brasil.

O projeto Slam Dandaras do Norte nasce quando me foram mostrados vídeos das competições de poesia que aconteciam no Rio de Janeiro, São Paulo, e em alguns estados do Nordeste como na Bahia e Pernambuco. Foi nesse momento que lembrei das minhas primeiras produções quando adolescente, procurava sempre escrever poesias, estas na maioria das vezes questionavam minha condição enquanto gênero feminino e a necessidade de poder ocupar certos espaços que só os rapazes podiam estar sem sofrer qualquer tipo de violência. Assim era a maioria das meninas, extravasavam suas dores através da poesia, e por outro lado o próprio rap, elemento do qual eu era íntima e que significava: ritmo e poesia. Nesse caso era só fazer a inversão. Ao invés de batalha de improviso, seria batalha de poesia marginal exclusivamente para o público feminino.

O encontro com as outras “Manas” se deu no dia em que fui convidada para cantar em um evento. Lá conheci umas cinco meninas que cantavam *Rap*, mas que eu

nunca soube que existiam, prova de o quanto éramos invisibilizadas. Depois de assistir à apresentação delas, fiz o convite para somar no projeto que ainda estava sendo desenhado. A partir desse evento começamos a nos reunir, ouvir a necessidade de cada uma até chegarmos a um formato de projeto que desse conta das nossas demandas.

Uma dessas Manas, a Adrian Neves, conhecida hoje como Bor Blue, foi a primeira com quem tive contato há um tempo atrás. Certa vez, ela me contou que sempre teve vontade de mostrar seus trabalhos, competir nas batalhas de Mc's, em especial na famosa Batalha de São Brás. Espaço que eu mesma com toda trajetória de resistência ajudei a construir e onde fui hostilizada e minha contribuição ignorada pelos seus organizadores atuais. Bor Blue relatou que toda vez em que pedia para competir recebia uma não, seja porque alegavam não ter mais espaço, tempo curto, enfim, sempre tinha uma desculpa para impedi-la de participar.

Nesse dia em que conversamos prometi a ela que o projeto que estava por vir tinha como principal objetivo dar voz e vez a cada mulher, fosse ela do Movimento *Hip-Hop* ou não. E, para a surpresa de todos, Bor Blue estreou no Slam Dandaras do Norte com toda energia acumulada garantindo o primeiro lugar com sua poesia que tratava de violência, lesbofobia e resistência. Esse foi o pontapé inicial. A partir daí ela arrastou quase todos os primeiros lugares das edições do Slam Dandaras do Norte, foi representante do Norte no Slam Br, Nacional em São Paulo e representante das Mulheres Negras do Pará na Festa Literária das Periferias (FLUP) no Rio de Janeiro em 2017.

O Slam Dandaras do Norte sempre teve caráter itinerante, e contava com o apoio dos movimentos sociais como: Movimento dos Trabalhadores Sem Tem (MST), Movimento Atingidos por Barragem (MAB), Movimento de Mulheres Feministas Marias, Mocambo, setorial de mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT), apoio de mulheres do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Quilombo raça e classe do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), grupos de pesquisas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e professores da Universidade do Estado do Pará (UEPA), além de outras pessoas amigas pessoais minhas que acreditavam no projeto.

Muitos materiais como equipamentos eram emprestados ou comprados com o dinheiro do próprio bolso, na maioria das vezes com cartão de crédito meu mesmo. Por isso ter que lutar para pagar depois.

Além disso, também criávamos adesivos, camisas para comercialização, venda de água mineral, gerando uma renda pouca, mas que desse pelo menos para pagar a passagem de ônibus. O Slam Dandaras Do Norte tomou proporções que nunca imaginei na minha vida de militante, artista e *rapper* poder protagonizar. Além de encorajar outras mulheres a produzirem poesias, o projeto deu conta de tirar da invisibilidade aquelas que, como eu, escolheram o *rap* para se expressar, mas também não pude deixar de fora outras mulheres como as grafiteiras, capoeiristas, fotógrafas, artesãs, atrizes, *performes* e mulheres trans. Foram muitas apresentações, shows, entrevistas, fotos em jornais, *blogs*, aprovação do projeto em um prêmio de incentivo à cultura possibilitando a criação de um documentário falando desse início, e isso também nos garantiu uma renda extra, cachê artístico ainda menor que o recebido pelos homens, porém, que era recebido com muito gosto e orgulho por cada uma. Um exemplo desse momento de projeção é a imagem abaixo de uma entrevista no jornal impresso O Diário do Pará.



Criamos então o Dandaras Show, que era apenas as *rappers* com intervenções de poesia também. Inicialmente deu muito certo, mas como em uma sociedade capitalista quando entra dinheiro no meio nem todo mundo consegue manter o equilíbrio, o clima no grupo começou a mudar e gerar discordâncias e problemas internos.

Além disso, também tínhamos que lidar com o fato de que algumas Manas vinham se integrar ao grupo e depois partiam porque o projeto em si era fechado apenas

para mulheres, e algumas delas pareciam não acreditar no seu potencial, na força do projeto e voltavam a ser meras coadjuvantes junto aos seus companheiros e isso era uma perda enorme para nós. Em meados do ano de 2018, comecei a desanimar com a postura de algumas integrantes do projeto, e em um desabafo nas redes sociais relatei que estava cansada de só me doar ao projeto. Percebi que todas estavam progredindo e apenas eu ficando para trás, foi então que decidi investir nas minhas poesias. E, sem apoio de ninguém, criei um livro totalmente artesanal, estilo poesia marginal, tal qual era na década de 1970, a geração do mimeografo. Hoje já não temos mais esse tipo de ferramenta, mas temos a xerox.

E assim produzi meu livro chamado “Po Eu sia”, lancei em novembro de 2018 em uma das edições do Slam Dandaras do Norte. Fez tanto sucesso que até foi aprovado na Festa Literária da Diversidade Sexual (FLIDS) em Fortaleza no estado do Ceará em fevereiro de 2019 e também foi exposto no Sesc Sorocaba através da editora Marca D’água, nesse mesmo período. Todo esse sucesso atribuí ao projeto, a força e a capacidade de nos fazer acreditar no poder da escrita com base em nossas vivências enquanto mulheres. É importante relatar aqui também a reação de outras mulheres após o contato com as poesias, tanto as do meu livro quanto aquelas recitadas no *Slam*. Passou a ser comum recebermos mensagens de agradecimentos pelas poesias e relatos sobre o quanto a iniciativa passou a ser importante na vida delas, eram mensagens pessoais e, às vezes, pela página do projeto no Facebook.

No ano de 2019, o projeto passa por problemas, como relatado anteriormente. A busca por projeção mais rápida e ganho monetário pessoal causam discórdia no grupo. E, em uma reunião tensa, cinco “Manas”, das treze que eram participantes assíduas, decidiram sair, mas lideradas por uma advinda de outro estado do Norte exigem que o projeto acabe, já que elas não teriam mais interesse em continuar.

Mais uma vez tive que respirar fundo e tomar uma decisão um tanto arriscada. Assumir a gestão integral do projeto com todos os riscos e responsabilidades existentes nele. Não pude compartilhar dessa decisão, pois isso significaria retroceder, já que o projeto havia ultrapassado as expectativas e se tornara uma referência no combate às opressões vividas pelas mulheres dentro do cenário cultural de Belém, ainda que estas e até mesmo eu tenhamos alcançado nossos objetivos, não seria justo fechar a porta para outras que ainda não conseguiram sequer ter coragem de expor suas produções.

Além disso, o mais impactante foi ver que as mesmas Manas que um dia ousaram desafiar o sistema questionando a invisibilidade, logo em seguida passaram a

somar com os mesmos “caras”, responsáveis por todo sofrimento causado às mulheres tanto no Movimento *Hip-Hop* como na vida pessoal, pois boa parte deles têm histórico de violência contra mulheres, veladas e expostas pelas próprias vítimas. Isso deixa uma dúvida, será que a tendência de nós mulheres é sempre essa, fortalecimento e o retorno à condição de oprimidas por não acreditarmos que sozinhas podemos ser completas? Ou seja, pela crescente reprodução do machismo por parte das mulheres, fruto do sistema capitalista que gera essa disputa constante entre as categorias sociais de mesmo setor de atuação?

Enquanto não obtemos respostas, o projeto segue com novas perspectivas. No dia 28 de abril de 2019 foi realizada a primeira edição do Slam Dandaras do Norte agora sob nova direção e foi muito lindo. Outras mulheres vieram participar e seguimos com força total em nossas poesias.

3- O MOMENTO ATUAL DO GRUPO E DA CENA DO HIP HOP NO ESTADO DO PARÁ

Após o desligamento das Manas do projeto Slam Dandaras do Norte cada uma seguiu fazendo seu trabalho, somando com quem têm interesse comercial, em grupo, solo ou com outras organizações.

O Movimento *Hip-Hop* em si se resumiu em batalhas de *Mc's* pela cidade. Raramente se vê os quatro elementos reunidos como na década de 1980 nos bailes pela cidade ou participando nas questões políticas. O que permanece é a discriminação e a perseguição da polícia aos jovens que usam o espaço público para realizarem suas rodas de improviso, para cada elemento em se tratando de Belém do Pará o tempo reservou um lugar. *Os Djs e Djeias*, específicos de hip-hop, deram lugar aos Djs de aparelhagem que não produzem *beats*, apenas fazem seleção de músicas para animar as festas dos mais diversos estilos. Os *B.boys* e *B.Girls* continuam seus trabalhos realizando campeonatos fechadas, competições que culminam em intercâmbio com outros estados e países.

Sobre a atuação das mulheres neste elemento, o *Breaking*, das que tenho conhecimento apenas duas continuam na ativa, porém diferente da atuação de antes, mais focada em projetos pessoais no campo da dança e também da poesia, uma delas é Sara Laman (Sarinha).

O grafite por sua vez, como sempre marginalizado, tenta com muita resistência se firmar no espaço urbano, alguns migraram para cidades menores do interior do estado para mostrarem seus trabalhos revitalizando casas populares e ressignificando o lugar. A *Crew* de mulheres com que mais tenho contato são as Freedas, inclusive foram colaboradoras do Slam Dandaras do Norte, grafitando a primeira bandeira com o símbolo do projeto. E o *rap*, ou os e as *rappers*, são dos quatro elementos os que estão sempre atuantes, criando espaços como na Batalha das Manas que surge em 2019 com letras criativas, sejam elas de caráter político-cultural ou apenas para entreter o público, já que em alguns casos o estilo musical representa uma moda, principalmente para uma parcela da juventude que não mora nas periferias. É importante ressaltar que o Movimento *Hip-Hop* tem como protagonista a juventude negra e periférica desde sua origem nos Estados Unidos até os dias atuais, porém percebemos que há uma procura e adesão de outras categorias sociais devido ao poder de massificação que o *Hip-Hop* tem. No geral o que ainda impera é a disputa por espaço e recursos públicos para investir nos eventos, isso também tem se tornado um problema para as mulheres, situação na qual eu mesma tenho sentido na pele, passei a ser perseguida, ameaçada e difamada por um homem que não aceita que outras pessoas também sejam capazes de desenvolver o trabalho com o *Hip-Hop* principalmente mulheres sem passar pelas mãos dele, e se não acontece conforme sua vontade sofreremos consequências como é meu caso. São muitos anos de luta e resistência e quando o trabalho começa a fluir surge problemas dessa natureza que desestrutura até mesmo o psicológico, o medo toma conta, e mesmo fazendo denúncias, mobilizando todos os movimentos sociais possíveis, fazendo notas de repúdio, recorrendo à justiça, não somos ouvidas por sermos mulheres. Fica claro a tentativa de fazer com que recuemos e voltemos a invisibilidade, mas enquanto houver vida e força continuarei lutando por espaço, justiça e paz dentro do movimento.

Para garantir que nossa história não fosse mais omitida no final do ano de 2018 fortalecida pelo projeto *Slam Dandaras do Norte* resolvi reunir minhas poesias, letra de *Rap* que eram transmitidas apenas oralmente, na música e no *Slam* e criei meu primeiro livro chamado “PoEusia”, como era difícil gravar Cd e publicar livro nas editoras convencionais devido à falta de recursos financeiros, passei a pesquisar sobre as publicações da poesia marginal da chamada geração do mimeógrafo na década de 1970, foi aí que descobri a possibilidade de também construir minha obra a custo mínimo e com uma perspectiva divulgação mais rápida, fácil e acessível ao público.

Porém ainda faltam elementos para que eu pudesse realizar o trabalho da confecção do livro, um deles era a ilustração para complementar minhas poesias, e mesmo pedindo a outras Manas que dominavam a técnica não conseguiam apoio, pois o valor a custo mínimo estava fora da minha realidade. Decidi então me desafiar e debruçar sobre as ferramentas tecnológicas, foram noites e noites, madrugadas a dentro testando, escrevendo, apagando, até que consegui descobrir programas básicos do computador que possibilitavam a criação e transformação de imagens, inserção no texto com a qualidade que eu desejava. Daí por diante o trabalho fluiu, fiz o lançamento do livro “PoEusia” em uma das edições do *Slam Dandaras do Norte*, a primeira tiragem apresentava falhas devido ao pouco recurso que tinha disponível para reproduzi-lo, mas aos poucos fui ajustando até chegar a perfeição de acordo com o que eu havia pensado.

O livro fez tanto sucesso que foi selecionado para participar da exposição na 1ª Festa Literária da Diversidade Sexual na cidade de Fortaleza-Ce(FLIDS), posteriormente foi exposto no Sesc Sorocaba através de um intercâmbio com a editora Marca D’água anos no ano de 2019. Foram mais de 300 exemplares vendidos a custo acessível e a participação na FLIDS só foi possível com a campanha que fiz nos meios de comunicação como Tv e nas plataformas digitais explicando que para pagar o custo da viagem e estadia eu precisaria vender no mínimo 50 livros e consegui. O livro “PoEusia” é composto de poesias que retratam a minha realidade enquanto mulher de identidade negra, periférica, amazônica, além de abordar temas como depressão, este inspirado muito dolorosamente na minha mãe que infelizmente sofre dessa doença, e trata principalmente sobre violência contra a mulher. A partir daí surgiram muitos convites para dar palestras, relatos de experiência sobre o livro em espaços diversos como universidades, escolas, grupos de mulheres, e o mais recente convite foi a participação na XXIII Feira Pan-Amazônica do livro em Belém. Esse trabalho serviu de referência para muitas Manas que surgiram recentemente no Movimento *HIP-HOP* que passaram a registrar também suas produções e a participarem mais ativamente em espaços culturais e nas próprias batalhas de M’cs, nos intervalos das batalhas elas recitam suas letras potentes com suas inquietações mostrando que nós mulheres estamos resistindo e queremos ser ouvidas.

Das poesias contidas no livro destaco três: Maria Pretinha, Poetizar e Refugiada, além destas já estão sendo recitadas outras como a poesia referente à feira do bairro da Terra Firme.

Maria Pretinha

Maria Pretinha quero te falar
 Tua beleza nem tem como comparar
 Adoro esse teu jeito és mulher guerreira
 A pele negra que te veste por inteira.
 Maria de trancinha
 Maria de dread
 Maria tão lindo! É teu cabelo black
 Quero te pedir um favor pro teu bem
 Aceite sua cor e tudo o que você tem.
 Não deixe que ninguém te discrimine
 Maria preta
 Que ninguém te domine!
 Nunca desista minha nega de lutar
 Sonhe com o topo que tu podes chegar
 Vem!
 Vem pra cá
 Estou te esperando
 Aqui mais uma preta nessa vida se articulando
 Vista suas cores
 Bata os tambores
 Matriz africana confirmando seus valores.
 Não tenha vergonha de exhibir seu manto negro
 Os padrões da Europa não podem ser o nosso espelho
 Maria Pretinha.

Está poesia foi criada por mim com o objetivo de discutir a estética negra na perspectiva de desconstrução dos padrões estéticos impostos em nossa sociedade, de todas as minhas criações Maria Pretinha se destacou por ter sido publicado pela editora Tirant Brasil no livro “Feminismos, Arte e Direito das Humanas” da coleção Direito e Arte organizado por Ezilda Melo e Gisela Maria Bester. Além dessa obra também foi possível transformar a poesia em música no ritmo Ijexá, foi também apresentado durante a palestra da oficina Cartografia da poética Negra: Corpo e Territorialidade realizado no centro de Ciências Sociais e educação (CCSE) da universidade do estado do Pará, dividindo espaço com as obras de Conceição Evaristo e Luiz da Gama, o que me deixa ainda mais orgulhosa dessa produção.

Poetizar

Poetizar é uma modo de desabafar
 É ficar na madrugada revirando papéis amarelados
 É fazer o balanço do dia acabado
 No silencio em um quarto fechado, mal estruturado, abafado
 É sentir fome e resistir para terminar o trabalho.
 É debater-se para evitar que os mosquitos no ouvido façam canção e tire a atenção

É parar e molhar a garganta seca calando a barriga que ronca as duas horas da manhã
 É tentar concluir a obra antes que a caneta falhe e o papel finde
 Enquanto pensa no dia seguinte
 Nas tarefas, despesas, problemas, família, no ir e no vir do trabalhador atrasado
 No trânsito engarrafado
 No noticiário das desgraças
 É parar um pouco, tirar os óculos, esfregar um pouco e ajoelhar-se
 Rezar, orar, pedir ao orixá seja qual for sua crença
 Proteção
 É hora de *religare*
 Recolher a papelada, caneta de tinta esgotada
 Arrumar o leito
 É bocejar pela décima nona vez
 Poetizar é desintoxicar a mente, o coração e principalmente a alma

Poetizar é uma crítica aos padrões impostos para reconhecimento de escritores e escritoras e uma tentativa de mostrar a partir da minha realidade uma parte das dificuldades que enfrentamos para conseguirmos escrever nossas obras literárias, perpassa pela precariedade do espaço físico, a urgência da produção interrompida muitas vezes por ausências, pensamentos de preocupação com a vida, com o cotidiano de trabalhadora e periférica e o respeito pelas religiões.

Refugiada

Sempre estivemos caminhando na mesma estrada
 Embora nós mulheres, vivendo das migalhas
 Toda raiva que carrego comigo não é sem razão, sem motivo
 Me utilizo de todo recurso possível para enfrentar as dificuldades
 Impedir que a violência se alaste e que outras por essa vida não se paguem.
 O impacto provocado pelo machismo é como uma ferida recém aberta, algo crônico que não sara
 Pode passar o tempo que passar tá lá,
 Na cicatriz a história fatos de uma vida que não escolhemos viver
 Fomos queimadas, apedrejadas, subjugadas, satanizadas, por vezes santificadas
 Em nome do pai, do filho e do espírito de um santo que não concorda em nada com isso.
 A cada 5 minutos uma mulher é agredida;
 A cada 11 minutos uma mulher é estuprada;
 A cada 2 horas uma mulher é assassinada
 Morremos todos os dias física ou psicologicamente.
 E como se não bastasse o transtorno, ainda somos culpabilizadas,
 Uma insanidade que nos foi imputada
 Na real, são como fantasmas assombrando nossas mentes constantemente
 Apenas nós sabemos que não é ilusão.
 Estamos adoecidas de medo
 Um desespero
 Uma angústia quase um pânico
 Que nos segue nas ruas vazias, nas tardes sombrias, nas esquinas, até nossos lares.
 E quando achávamos que estávamos seguras no interior de nossas casas
 Eis que estão também lá nossos algozes

Rituais foram feitos para nos aprisionar, nos limitar, enquadrar em regras que apenas nós
 temos que seguir de forma exata.
 De terno e gravata, acima de qualquer suspeita no altar uma aliança consagra as promessas de
 amor eterno e paixão
 O homem ali inicia seu plano de destruição
 Na saúde, ou na doença, na riqueza ou pobreza
 Respeitando até que a morte separe esse era o trato, assinado em contrato tudo parte do jogo
 forjado
 Talvez por isso que nos ceifam a vida tão precocemente, para que o tal contrato se acabe o
 quanto antes literalmente
 Tento acalmar os nervos de alguma forma
 Sobe uma ira quando se recorda de tempos de mentira e agonia que relampeja na memória
 vez ou outra
 Decidi externar minhas preocupações usando não a oralidade mas sim outro código de
 linguagem para extravasar
 Então, mulher preta que sou diante da solidão que me foi conferida injustamente escrevo
 metamorfoseando a dor
 Busco no fundo da minha existência inspiração que ainda resta
 Me valho da metafísica, da hermenêutica e assim transcorro
 Minha ancestralidade confirma que as raízes estão firmes fincadas nessa terra sobre a
 promessa de nunca desistir
 Protejo meu útero de gerar seres inocentes, em atos inconsequentes que possam sofrer nesse
 mundo tão cruel
 Temo a todo momento que a tal libido me arranque um ato sem consentimento e meu plano
 seja interrompido por completo
 Parir para ver sangue jorrar nessa terra de misóginos não é minha meta
 Penso assim, fato que não faz de mim insensível pelo contrário
 A sensibilidade é tanta a ponto de me tomar por inteira e de encorajar-me a expressar os
 sentimentos na integra
 Quero acreditar que um dia as lágrimas de uma mulher sejam apenas sinônimo de felicidade
 Que as relações sejam boas para ambas as partes
 Enquanto esse dia não chega deposito nas palavras minhas descobertas e relativas certezas
 A poesia é refúgio, é esconderijo onde me guardo as vezes até de mim mesma
 Em cada linha reside a possibilidade de refletir e mudar o trajeto
 Meus versos as vezes são gritos
 Dissipo as dores de ser mulher nessa sociedade do absurdo
 Preciso me livrar da imagem da mocinha indefesa, da tal princesa que só tem sentido quando
 o príncipe a beija.
 Na verdade eu mesma não nasci para ser princesa
 Meu espírito é de guerreira
 Preciso me livrar da fragilidade que insistem em achar em mim que me fizeram portar a vida
 inteira
 Esconderam a nossa história verdadeira
 Sempre impúnhamos espadas
 Foram nossas as flechas disparadas
 Nosso lugar sempre foi ocupado, usurpado, por homens cuja a preocupação é o tamanho dos
 seus falos
 Cansei de perguntar porquê
 Cansei de quase chegar no poder
 Pode parecer tarde mas não é o fim
 Escreverei nossa história e o tempo é quem vai contar por mim.

A poesia “Refugiada” surgiu da minha inquietação em relação ao aumento dos índices de violência contra a mulher e o Feminicídio, além de descrever sentimentos dos quais eu mesma nutria quando estava em um relacionamento abusivo. Abordo também a solidão da mulher negra, e no final

dou ênfase à importância de escrevermos nossa história para que nunca mais sejamos invisibilizadas.

As poesias acima foram as primeiras a serem escritas por mim, e estavam engavetadas há algum tempo, pois nunca imaginei que minhas escritas tivessem relevância já que a maioria das produções literárias valorizadas eram escritas por poetas homens e geralmente usavam como tema principal o corpo feminino erotizado, hipersexualizado e as relações amorosas em um cenário fantasioso, pelo menos os que eu conseguia ter acesso.

Vá a feira lá é Firme

Na feira da Terra Firme tem de tudo meu irmão
 Tem gente que sobrevive vendendo no shopping chão
 Tem café, almoço, merenda e janta
 Completo que mata a "broca"
 Açaí batido na hora
 Se quiser tem açúcar, farinha d'água ou de tapioca
 É tudo junto e misturado
 Lingerie e peixe salgado
 Laranja, banana e acerola
 Coisas para menino, mocinha e senhora
 Sandália de dedo, sapato de plástico
 Bota longa e curta
 E tem a tia vendendo churrasco
 Pista estreita
 Barraca de madeira
 Já nem sei mais o que é rua e o que faz parte da feira
 Cuidado!
 Lá vem o busão!
 Carroça, carro, caminhão
 Lama, lixo, urubu, rato, cachorro e buraco no chão
 Sincronizado mu enorme turbilhão
 Na feira da terra firme tem de tudo
 Só não tem obra da prefeitura
 Porque quando o inverno chega...
 Nem terra nem firme nem dá para passar
 Casas viram palafitas e as ruas
 Piscina pros "muleque" nadar
 Aí seu prefeito!
 Zero é nada,
 Pimenta só é frescos pra ti que nem pisa nas calçadas
 Terra firme resiste do jeito que pode
 Vá a feira!
 Não vá ao líder!
 Porque meu povo é guerreiro e nobre.

A poesia "Vá a feira lá é Firme", foi criada com o objetivo de trazer uma reflexão sobre os problemas socioeconômico presentes no bairro da periferia de Belém conhecido como bairro da Terra Firme, especificamente da feira livre deste bairro. Como sou moradora do bairro minha família costuma fazer comprar na feira livre e esta feira em especial me despertou uma visão poética mais crítica e através da poesias consigo levar a temática para espaços

acadêmicos e dos movimentos sociais despertando um interesse das pessoas para juntos lutarmos contra essas desigualdades e problemas que só quem vive na área é capaz de perceber, porém sem forças para questionar as soluções diante dos gestores públicos. Nesse caso a poesia mais uma vez representa o que o Movimento *Hip-Hop* buscou desde seu surgimento.

4-RELAÇÕES DE GÊNERO: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE PAPÉIS E POSIÇÕES DAS MULHERES NO MOVIMENTO HIP-HOP

Talvez a postura adotada pelos Manos do Movimento *Hip-Hop* de Belém em relação às mulheres existentes nos grupos e coletivos fossem fruto de uma reprodução da imagem e postura dos artistas internacionais aprendidas nos *clips* que chegavam até nós, como *Snoop Dog*, a imagem hipersexualizada das mulheres, a objetificação, fazia com que não fôssemos vistas como parte integrante do Movimento. No caso de meninas com biotipo mais próximo das dançarinas dos *clips*, o lugar reservado a elas era o de namorada dos Manos ou ainda a Mina do Mano. Já as demais ocupavam papéis secundários, fossem apenas acompanhando um amigo, irmão, colega, ou executando tarefas semelhantes às da esfera doméstica, como aconteceu com as Manas no 3º Festival Norte Nordeste de *Hip-Hop* realizado em Belém no ano de 2008. Nesse episódio pude presenciar que, enquanto os homens aproveitavam para trocar experiências com os artistas de outros estados, as mulheres ficavam organizando os alojamentos, limpando banheiro, chegaram a se queixar em algumas situações, mas eram reclamações que ficam apenas entre elas.

Tentei entrar em contato com essas três mulheres que participavam desse festival, mas apenas duas aceitaram falar sobre o assunto, não especificamente do festival, mas da sua atuação dentro da organização e do coletivo Nação de Resistência Periférica. Uma delas é Gisele Mercês, começou a participar do Movimento *Hip-Hop* no ano de 2004 em seu relato ela diz:

Quando entrei na NRP tivemos alguns contatos através de algumas reuniões que você (Mana Josy) participava com a gente, e lembro de você no grupo Conexão feminina, o nome se eu não me engano, você era a mais ativa e participativa na minha opinião, sempre atrás dos corres do grupo, talvez das meninas que eu conheci na época era uma das poucas mais ativas e sem preconceitos para com outras meninas que também estavam no Hip Hop.

Entrei em meados de 2004, o convite do Michel pra conhecer o movimento e acabei gostando e ficando. Os grupos sempre chamaram minha atenção, até tivemos a intenção de cantar, as Afro amazônicas, mas acabou não indo pra frente por motivo de tempo e pessoais. (Gisele Mercês, militante do Movimento Hip-Hop, entrevista em: 04-04-2019).

Quando questionada sobre preconceito ela responde:

Bom, preconceito sempre existe, mas por incrível que pareça não foi sempre por parte dos homens, existiam muitas mulheres que não sei se por ciúmes, ou por sentir o espaço delas invadidos, já que estavam lá a mais tempo. Já o machismo tive pouco contato com esses pois sempre coloquei minha opinião mesmo diante dos machistas que apareceram no movimento. Sempre nos bailes haviam uns que achavam que mulher é troféu ou espetáculo, mas sempre soube dá uma resposta e me sair. (Gisele Mercês, militante do Movimento Hip-Hop, entrevista em: 04-04-2019).

O artigo *Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip-Hop* (MATIAS- RODRIGUES, 2014) que foi resultado de uma pesquisa de mestrado em psicologia escrito pelas professoras Maria Natália Matias Rodrigues da Universidade federal de Alagoas e de Jaileila de Araújo Menezes da Universidade federal de Pernambuco, corrobora no sentido de que quando Gisele aponta que não apenas homens mas também mulheres se mostram preconceituosas com as outras, e quando alega que sua saída do Movimento *Hip-Hop* se dá pela questão da falta de tempo.

O mesmo discurso foi usado nas entrevistas descritas no artigo.

De forma geral, podemos perceber a participação das mulheres no hip hop, e especificamente no rap, tem acontecido e crescido nos últimos anos, no entanto as dificuldades para a participação e permanência delas são maiores quando comparadas as dificuldades vivenciadas pelos homens. A relação entre homens e mulheres parece ser boa até o momento que as mulheres começam a questionar as relações desiguais, lutam pelos mesmos espaços de participação, adquirem certa posição de destaque e liderança pela atividade que desenvolvem. A questão da regulação da sexualidade feminina aparece bastante, tanto com relação ao número de relacionamentos afetivos que podem ter dentro do movimento, quanto a exibição do seu corpo no palco... (MATIAS- RODRIGUES, 2014, p.711).

Costumo dizer quando estou palestrando ou participando de alguma atividade seja cantando *rap* ou recitando poesias, que cada mulher ali presente representa a nossa busca por fortalecimento e resistência, pois para estarmos ali tivemos que dar conta de um universo de afazeres domésticos que não se esgotam, e mesmo quando retornamos

para nossas casas lá estão mais e mais tarefas, o que para os homens quase nunca acontece.

As dificuldades para permanência das mulheres no Movimento parecem ser muitas e aliar outras atividades laborais com atividades relacionadas a participação no movimento, como ensaios, shows, participação em eventos também parece também parece não ser fácil (MATIAS- RODRIGUES, 2014, p.711).

Milka Karine Aviz dos Santos, 31 anos, era rapper, cantava sempre em grupo formado por homens sendo apenas ela de mulher e notoriamente seu papel dentro do grupo se resumia a parte de acompanhamento vocal, devido seu timbre diferenciado que dava a música um toque especial. Milka relata que começou a se interessar pelo Movimento *Hip-Hop* no ano de 2006, após fazer uma visita na rádio comunitária Cidadania FM, nesta rádio havia um programa chamado Revolucion onde só tocava música estilo *Rap*.

...Eu amava ouvir rap, depois fiquei sabendo que tinha um movimento de Hip Hop, era muito além do ouvir rap. Sempre fui questionadora e não concordava com o sistema. (...)Antes tinha muito preconceito não sei dizer agora (Milka Karine Aviz dos Santos, rapper, entrevista em : 04/04/2019).

Perguntei a Milka que tipo de preconceito ela conseguia perceber dentro do Movimento *Hip- Hop* nesse período, especialmente do coletivo da qual ela fazia parte, ela então respondeu: “(...)Antes queriam só deixar as mulheres para fazer back vocal.” Podemos perceber que tanto na fala da Milka quanto na fala da Gisele a invisibilidade sofrida por elas passa despercebida dando lugar ao termo preconceito, no caso das duas o interesse pelo Movimento *Hip Hop* veio após contato com apenas uma das partes que compõe o movimento, nesse caso a música *Rap*. Com o passar do tempo, constituíram família e acabaram não conseguindo mais conciliar a vida pessoal com a artística.

Sara Laman de Carvalho Marques, 21 anos *B.Girl* a qual citei anteriormente conta que começou no *hip-hop* dia 9 de julho de 2013 em um projeto do bairro da Terra Firme.

Entre vários projetos sociais, fiz participação de algumas companhias e me apresentei em alguns eventos nacionais. Atualmente tenho trabalho voltado a dança como forma de transformação social. A cultura hip hop é uma cultura em que sua maioria é homens. Em todos os elementos, desde o primeiro contato de uma mana em alguns dos elementos já se encontra desafios pelo simples fato de ser mulher e não ser vista

como um simples fazedor de cultura como os demais. Se ela passar por essa primeira fase, se manter na cena é o mais fácil. Pois a maioria das crews no sentido de todos os elementos ainda não encontram métodos de manter e incentivar a mulher a desenvolver o elemento que ela estuda. Então, sem espaço, sem eventos voltados para ela produzir o que trabalha e sem apoio fica mais a mina desistir. Por isso somos resistência. (Sara Laman de Carvalho Marques, B.Girl, entrevista em :04-04-2019).

Como citei anteriormente a visão que os homens tem sobre o corpo das mulheres especificamente no elemento que Sara Laman representa através da dança do *breaking* faz com que eles se achem em vantagem no desenvolvimento dos movimentos exigidos neste elemento, logo garantem sua permanência e criam a partir do corpo feminino barreiras que culminam na desvalorização destas e de seus movimentos.

O mundo social constrói o corpo sexuado como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica. É ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando –a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim ser vistos como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros principalmente, da divisão social do trabalho(...) (BOURDIEU, 2002).

Nesse caso Sara Laman consegue perceber que realmente existem barreiras impostas, pelos homens as mulheres dentro do Movimento *Hip-Hop*, devido tempo que ela possui dentro do movimento, por não ter parado mesmo quando se tornou mãe, contrariando o que acontece na maioria dos casos em que às mulheres constituem família ficando impedidas de continuar no movimento.

Quando perguntado às três sobre a relevância do projeto Slam Dandaras do Norte, Milka pouco sabia sobre o projeto. Gisele afirmou ter ouvido falar e que acha muito importante a atuação de iniciativas como essa, Sara entende que cada vez mais se faz necessário projetos como o Slam Dandaras do Norte restrito as mulheres e que atua como mecanismo de fortalecimento e reconhecimento de nosso protagonismo no Movimento, na capacidade física, e intelectual, contrapondo a ideia que os homens perpetuam quando perguntados sobre a ausência de mulheres nos elementos que formam o *hip-hop*.

O mais interessante nessa história toda é que sempre lutamos por espaço mesmo sabendo que somos minoria, inicialmente eu nem se quer entendia o porquê de

tanta discriminação e exclusão dentro de um movimento que surgia justamente para dar oportunidade a uma parcela da população menos favorecidas.

Essa bandeira de luta foi por mim abraçada inicialmente de uma forma empírica, até meu contato com o movimento negro no ano de 2009 durante o 3º fórum da Juventude Negra no qual participei, como já citei anteriormente, através de saberes adquiridos na oralidade durante as rodas de conversa dos coletivos de mulheres feministas de outros estados do Brasil que tive contato.

Quando resolvi voltar a estudar, dessa vez tentar uma faculdade, pensei bastante antes de escolher um curso, foi aí que pesquisando percebi que para conseguir avançar na luta dentro do movimento hip hop eu precisava de uma ferramenta tão potente quanto o próprio movimento para conseguir fazer com que as pessoas entendessem a importância do Movimento *Hip-Hop* na construção de uma sociedade mais justa e de como nós mulheres somos atuantes dentro dele mesmo não sendo reconhecidas. Foi nessa perspectiva que me lancei em um curso da área da educação a pedagogia, entendendo que esse era o par perfeito para o *hip-hop*. Então partir do ano de 2013 quando consegui ser aprovada no curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará, passei a ter mais acesso a materiais que traziam os mesmos questionamentos que eu fazia, porém agora com explicação de que nada é por acaso, e que a história das mulheres sempre foi contada por homens e nossos trabalhos não por acaso inferiorizados.

Passei a compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres dentro do Movimento hip hop a partir dos textos sobre relações de gênero.

O termo gênero é um conceito utilizado para afirmar a construção social do ser homem e ser mulher na sociedade. Tem como objetivo diferenciar sexo ser macho ou fêmea como dado na natureza - da construção social da masculinidade e feminilidade. A definição de masculino e feminino está associada ao que cada sociedade, em cada momento histórico, espera como próprio de homens e mulheres. (FARIA, 2005, p. 31)

Partindo do conceito de gênero é possível compreender porque para as mulheres na maioria das vezes uma das barreiras a serem enfrentadas quando decidem ingressar no movimento hip hop são as críticas da própria família, especificamente dos pais. A construção do gênero, ou melhor dos papéis desempenhados por homens e mulheres criam critérios e condições de acesso e permanência das mulheres no Movimento *Hip-Hop*, principalmente pela representação de liberdade que ele

proporciona aos integrantes, contradizendo conforme a própria construção social do gênero que no decorrer do tempo empurrou as mulheres ao espaço privado, limitando e impedindo que se destaque, pondo em dúvida a capacidade intelectual.

Dentro da academia também pude perceber que a escolha do curso da área da educação também questionava a seleção dos saberes e como eles eram conduzidos na perspectiva do currículo quando o assunto era gênero como uma construção social sem levar em consideração as intersecções.

Gênero opõe-se, pois a “sexo”: enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual. O termo “gênero” refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual. (...) Na crítica do currículo, a utilização do conceito gênero segue uma trajetória semelhante a da utilização do conceito de classe. As perspectivas críticas sobre o currículo tornaram-se crescentemente questionadas por ignorarem outras dimensões da desigualdade que não fossem aquelas ligadas a classe social. (SILVA, 2002, p.91)

Mais à frente o acesso a pesquisas, relatos de autoras negras como Suely Carneiro me deram condições de compreender que a luta das mulheres dentro do Movimento *Hip-Hop* se constitui em uma via de mão dupla, ora tendo que defender o direito de existir em uma cultura negra fruto da negação de acesso a espaços de lazer devido a divisão de classes, ora tendo que fazer enfrentamento para garantir a visibilidade e valorização dos trabalhos femininos dentro do próprio Movimento *Hip-Hop*, essa luta fica mais visível quando percebemos que não se trata de qualquer mulher e sim de mulheres negras que historicamente tem se movimentado dentro do feminismo negro porque nas lutas feministas desde o sufragismo não se levou em consideração que essas mulheres representavam uma parcela da população que não tinham acesso a direitos civis ,visto que nem mesmo eram tratadas com dignidade e em relação ao homem negro estavam também em desvantagem.

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras, a enfrentar ,no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdade que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negros e brancos no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação a solidariedade de gênero intragrupos racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos movimentos negros brasileiros. (CARNEIRO, 2003, p.12)

Isso faz todo sentido quando na minha trajetória eu não conseguia entender porque o Movimento *Hip-Hop* em si não atendia minhas necessidades quando se tratava de uma pauta específica que levasse em consideração o ser mulher e a relevância da sua contribuição desde sempre em todos os elementos. Não por acaso no texto “O que é feminismo” das autoras Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy (2005) remonta uma parte da nossa trajetória enquanto mulheres em momentos históricos onde a capacidade intelectual era totalmente desprezada pelos homens, por esse motivo o acesso à educação também era negado, e quando finalmente foi concedido se limitava a aprendizagem de afazeres domésticos.

Com o avanço das civilizações houve momentos em que a própria natureza feminina em absorver conhecimentos rendeu a elas castigos e condenações como no caso da caça às bruxas.

Condenadas por serem elas, as mulheres as detentoras dos saberes que controlavam a natureza humana desde a concepção ao nascimento, além de manipulação das ervas na cura de doenças, essa habilidade logo descoberta pelos homens em especial a igreja católica teve que ser contida de forma trágica, queimando-as nas fogueiras da santa inquisição. A igreja católica representou nessa trajetória um dos maiores alçozes para o ser feminino, com base no cristianismo criando uma imagem a partir de seus pressupostos com base na bíblia na figura de Eva a primeira mulher criada para acompanhar o homem, Adão, que por sua desobediência condenou todas as gerações. É, portanto, essa mulher, pecadora, insubordinada, que a sociedade ainda cultua, e por esse motivo discrimina.

Mas, nem sempre foi assim, existiram outras civilizações em que essa diferença entre homens e mulheres era inexistente, assim como a divisão de trabalho, como nos mostra a autora Zuleika Alambert (2004) no livro “A mulher na História, A História da Mulher”, que remonta a trajetória das mulheres desde a pré-história até o advento do feminismo. É necessário a busca por nossa história verdadeira, contadas por nós mesmas, ainda que essa tarefa seja árdua precisamos acreditar que de alguma forma sempre estivemos em constante movimento e luta por nossos direitos.

Assim, fez a professora Eliana Ramos Ferreira (2003) que ao pesquisar sobre a participação das mulheres na Revolta da Cabanagem quase desistiu por não haver registros dessa atuação nos acervos do estado do Pará, mas ao persistir conseguiu encontrar vestígios em documentos na Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro que demonstravam haver participação feminina na revolta da Cabanagem fosse

maneja armas, fosse alimentando os indivíduos combatentes, ou ainda dando guarida a fugitivos. Atualmente o Movimento *Hip-Hop* em Belém do Pará ainda é um espaço com predominância masculina, mas podemos perceber o aumento da presença de mulheres atuando em maior proporção no elemento *rap* ou recitando poesias em saraus realizados por grupos diversos, nas universidades em iniciativas não necessariamente do *Hip-Hop*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram necessárias duas décadas para que eu pudesse me dar conta de que não era por acaso que as mulheres no Movimento *Hip-Hop* de Belém não conseguiam avançar no cenário cultural. A minha luta não foi em nenhum momento em vão, confesso que pensei em desistir, mas uma força maior emanava de dentro de mim, acredito que uma força maior vinda da ancestralidade me impulsionava a prosseguir e a não me conformar com aquela realidade imposta às nós mulheres, nos reservando um espaço de subordinação.

A internet foi e continua sendo uma ferramenta de extrema importância que nos possibilita um contato direto com as outras regiões do Brasil e com as ações desenvolvidas por outras mulheres, em especial as da região Sudeste o berço do *hip-hop* Nacional, e desse modo dispõe de recursos financeiros para a realização de encontros, festivais e eventos com a participação de artistas feministas de vários estados e Regiões de todo o país e do exterior.

Posso afirmar que avançamos bastante no sentido de sair da invisibilidade, porém não por mérito dos “Manos”, mas por esforço das próprias mulheres que ao se integrarem em coletivos discutem a partir de autoras feministas e das próprias experiências de vida como conseguir se fortalecer e criar espaços de proteção exclusivos para nossas produções, como é o caso do Slam Dandaras do Norte, projeto com relevância social que dialoga tanto com mulheres quanto com a categoria LGBTQ+, é importante ressaltar que mesmo restringindo espaços ainda assim somos atacadas de alguma forma pelos homens que insistem em demarcar o território como sendo exclusivo destes, o fato mais absurdo dessa natureza aconteceu em uma das edições do Slam Dandaras do Norte no ano de 2018 dentro do auditório do Sesc Ver – o – peso, durante a declamação de poesia de uma das “Manas” um homem desconhecido grita do meio da plateia palavras grosseiras enaltecendo seu falo, na intenção de nos

desestabilizar, ele acabou gerando uma revolta que culminou na retirada dele do evento.

Algumas manas continuaram na luta pela conquista de mais espaços no Movimento *Hip-Hop* coletivamente, outras decidiram trilhar caminhos em companhia dos “Manos” mesmo sabendo que eles ainda permanecem praticando atos machistas e violentando mulheres, o que lamento profundamente, pois parece que estas não acreditam que podemos construir uma sociedade baseada na igualdade de oportunidades, respeitando cada indivíduo.

Posso afirmar hoje que tudo que aprendi dentro do Movimento *Hip-Hop* nessa minha trajetória, está sendo muito importante para remontarmos todo um histórico de opressão e tentativas de fazer com que as mulheres não conseguissem avançar se expressando dentro dos elementos, por outro lado a escolha do curso de pedagogia foi proposital quando pensei em cursar uma graduação. Era necessário unir meus conhecimentos e experiências com uma ferramenta que fosse capaz de ser tão potente quanto o próprio movimento a fim de proporcionar uma transformação social e dar conta das demandas específicas como a pauta de feminismo negro, gênero, cultura e direitos humanos, atuando na base, na educação que dialogando mais profundamente foi possível avançar. Se não fosse através da academia jamais teria conseguido ser vista como uma agente cultural, poeta, mulher negra que tem uma produção intelectual de qualidade, porque falar sobre *Hip-Hop* sem uma bagagem teórica, um título nessa sociedade é como não existir ou não ter legitimidade.

Fico feliz em saber que dentro da academia, na universidade Federal do Pará existam professoras como a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Lucia Isabel Silva que topou o desafio e tornou possível este trabalho de conclusão de curso com um tema atípico, em que eu falo da minha trajetória tornando este, o segundo registro formal dentro de uma instituição federal do Pará retratando as mulheres de Belém dentro do Movimento *Hip-Hop* a partir da minha luta e resistência.

Daqui para a frente os desafios são: continuar as produções literárias através da poesia feminista negra, elaborar mais projetos que possam dar suporte financeiro para a realização de mais ações envolvendo principalmente o público feminino jovem, mas sem excluir os jovens do sexo masculino na tentativa de educá-los na perspectiva da quebra das ideologias do patriarcado existentes, publicar meu segundo livro que se chamara “Perifesia” previsto para ser lançado na XXIII Feira Pan-Amazônica do livro no segundo semestre de 2019, e outro passo será pesquisar sobre a reprodução do

machismo pelas mulheres dentro do Movimento *Hip-Hop* tendo como base as discordâncias de algumas Manas dentro do Slam Dandaras do Norte caracterizadas pela semelhança das ações machistas dos Manos como relatado no início deste trabalho.

Referências

- ALAMBERT, Zuleika. A história da mulher. A mulher na história. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira /FAP; Abaré, 2004
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 2005
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. In. Revista Estudos avançados, n°17, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>
- D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip-hop: a performance poética do ator-.MC. 1 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.p. 109.
- FARIA, Nalu. Gênero e Políticas Públicas. Uma breve abordagem das relações de gênero. In. FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam ; SILVEIRA, Maria Lúcia (Org.).Feminismo e Luta das Mulheres: Análise e debates. SOF: São Paulo, 2005

- FERREIRA, Eliana Ramos. As Mulheres na Cabanagem: Presença Feminina no Pará Insurreto. ANPUH-XXI Simpósio nacional de História, 2003
- FERREIRA, Leila Cristina Leite. Manas. Mulheres negras construindo o Movimento Hip Hop em Belém do Pará. Tese de doutorado. PPGSA. UFPA, 2019.
- LAEL, Sérgio José de Machado. Acorda Hip Hop: Despertando o Movimento em Transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007
- MATIAS-RODRIGUES, M N. & de Araújo-Menezes, J. (2014). Jovens mulheres :reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud ,12 (2), pp. 703-715.
- RABETTI, Luana. Perifeminas. Nossa História .São Paulo: Livre Expressão, 2013
- RABETTI, Luana. Perifeminas II. Sem Fronteiras. São Paulo : Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, 2014
- RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando,2017
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma Introdução as Teorias do Currículo.Belo Horizonte: Autêntica, 2002

Vídeos

- COSTA, Isaac. PUC-SP. TVT. Opera mundi. Aula pública. Carla Cristina Garcia. Porque há tão poucas artistas mulheres? Parte 1 e 2. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=cIVdw7fGKnI&t=419s1ER>.
- Encuentro Universitario de arte, feminismo y género in la UACM. Imaginarios y Representaciones Estetica de Género.Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IhR2NEpZhzM&t=154s>. Acesso em: 02/2018
- FÁBRICA DE IMAGENS. Coordenação Marcos Rocha. Ações educativas em cidadania e gênero. Entrevista com Sueli Carneiro, 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CMWXkgDNhBk&t=7s>
- CULTNE. REDEH (Rede de desenvolvimento humano). Projeto memória. Lélia González. O feminismo negro no palco da história, s/d. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7YYdb6Cl-Mk>

